



Opinião Econômica

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP



O desgosto com Trump reduzirá a demanda por produtos dos EUA?

Segundo estudo, nossas decisões que envolvem dinheiro são afetadas por opiniões, valores e moral

Desde que Trump tomou posse na Presidência, os Estados Unidos passaram a ser vistos menos favoravelmente pelo mundo. Em países como o Canadá, onde o efeito foi particularmente forte, fala-se sobre boicote a produtos fabricados nos EUA.

Essas percepções negativas sobre os Estados Unidos podem afetar significativamente a demanda por suas exportações? De modo geral, essas coisas têm efeito na economia?

A pergunta é interessante porque suas implicações vão além dos conflitos de política externa do momento.

A visão mais cínica é que as pessoas falam, gritam, protestam, mas, nas suas decisões de consumo, opiniões políticas são subjugadas pela preocupação com o dinheiro e suas preferências por produtos específicos. Executivos de empresas podem aplaudir discursos de políticos, mas não vão comprar insumos mais caros.

A visão mais romântica é que o valor que um consumidor atribui a um produto é influenciado por questões morais, políticas e religiosas. Em muitos casos, consumidores não têm preferências tão fortes sobre um determinado

produto e modificam suas compras guiados por um sentimento de estar fazendo a coisa certa.

A questão é empírica.

Minha impressão da literatura é que, de modo geral, os dados concordam mais com a segunda visão. Em muitos casos, esses sentimentos afetam de modo significativo as decisões de consumo.

Alguns estudos analisam os efeitos da deterioração da imagem da França nos Estados Unidos quando foi deflagrada a Guerra do Iraque, em 2003. Naquela época, os EUA queriam um mandato da ONU para invadir o Iraque, mas a França se opôs.

Com isso, a França passou a ser vista muito menos favoravelmente nos EUA. “French fries” (batatas fritas) passaram a ser chamadas de “freedom fries” (a palavra liberdade tem um longo histórico de abuso político). Falava-se então de boicote a produtos franceses.

Não é fácil estimar o efeito desses boicotes e, assim, não surpreende que estudos diferentes cheguem a conclusões distintas. Mas minha conclusão dessa literatura é que o boicote parece mesmo ter afetado a compra de produtos franceses nos Estados Unidos.

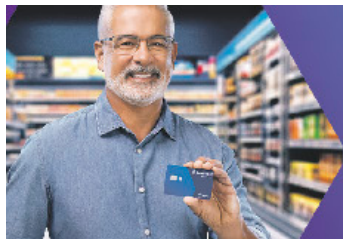
Em um estudo publicado em 2010, Michaels e Zhi mostram que o comércio bilateral entre França e Estados Unidos caiu relativamente a outros fluxos de comércio e empresas passaram a importar menos bens intermediários da França.

Essa redução no comércio bilateral poderia ter sido resultado

de outros fatores ligados à disputa entre Estados Unidos e França. Em estudo publicado em 2016, Pandya e Venkatesan endereçam essa crítica.

Os autores usam dados semanais de milhares de produtos vendidos em supermercados e mostram uma queda nas compras de marcas que parecem francesas. Produtos que nada têm a ver com a França e, portanto, não foram afetados por nenhum aspecto da disputa entre norte-americanos e franceses sofreram uma redução na demanda especialmente em mercados frequentados por mais cidadãos dos EUA.

A conclusão para o caso atual é que as tarifas impostas pelos Estados Unidos podem ter o curioso efeito de reduzir a demanda por suas próprias exportações. A conclusão mais geral é que nossas decisões que envolvem dinheiro são sim afetadas por nossas opiniões, nossos valores e sentimentos morais.



Quem tem conta empresarial Banrisul agora tem limite turbinado do cartão Banricompras Empresas.



BC aponta menor crescimento do RS em função das enchentes

/ DESENVOLVIMENTO

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024 levaram a um menor crescimento do Estado, quando desconsiderado o desempenho da agropecuária. A conclusão é de um box do Boletim Regional do Banco Central, publicado antecipadamente nesta quarta-feira, 21.

“Excluída a produção agropecuária, o crescimento da economia do RS foi menor do que o do restante do Brasil em 2024. Em parte, isso se deveu às enchentes de maio, que resultaram em contração aguda da atividade econômica no mês, com recuperação ao longo do ano”, afirma o BC, no estudo.

O Índice de Atividade Econômica Regional da autarquia (IBCR) relativo ao Estado cresceu 2,7% no ano passado, contra uma alta de 3,8% na média das demais Unida-

des da Federação, quando desconsiderada a agropecuária. O maior impacto foi observado no setor de serviços, que contraiu 7,3% no Rio Grande do Sul, mas se expandiu 3,6% na média do restante do país.

Os danos à produção agrícola do Estado foram mitigados porque grande parte das lavouras de verão já havia sido colhida no momento das enchentes, explica o BC. Ainda assim, houve efeitos sobre a soja, e perdas relativamente menores em milho e arroz.

Entre os componentes dos serviços, as maiores diferenças são observadas nos serviços prestados às famílias (que caíram 5,8%, contra alta de 5,0% no Brasil) e atividades turísticas (-14,3%, contra alta de 4,3%).

“Esses segmentos sofreram impactos relevantes da mudança do padrão de consumo da população - que priorizou a aquisição de

bens essenciais e aqueles requeridos para a reconstrução e reequipagem dos lares -, do fechamento por período prolongado do principal aeroporto do Estado e da menor movimentação de pessoas e bens”, diz a autarquia. “O retorno ao nível pré-enchente tem ocorrido gradualmente.”

A indústria de transformação também cresceu menos no Estado, com alta de 0,6%, contra 3,9% no restante do país. O varejo ampliado avançou 9,3% no Estado e 3,4% na média das demais Ufs.

Conforme o Boletim, as enchentes que atingiram o RS entre abril e maio de 2024 causaram impactos de curto prazo na inflação do Estado, mas esses efeitos foram quase totalmente devolvidos já em junho. Além disso, os preços na região subiram menos do que no restante do Brasil entre maio e dezembro.



RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL/JC

Cheia que atingiu o Estado em 2024 prejudicou o desempenho do RS

Segundo o estudo, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) da Região Metropolitana de Porto Alegre foi 0,41 ponto percentual maior do que a inflação nacional em maio. No entanto, a taxa regional ficou 0,35 ponto abaixo da brasileira em junho. No acumulado de maio a dezembro, a alta de preços na capital gaúcha foi 0,6 ponto menor do que a do agregado do País, destaca a autarquia.

O pesquisador do Departamento de Economia e Estatística, da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul, Martinho Lazzari, avaliou os números. “Foi usado ali um indicador feito pelo próprio Banco Central. Ele indica um crescimento de 4,3 no ano passado. Para comparação: o PIB calculado pelo DEE foi de 4,8. A metodologia é diferente”, observa. Lazzari acrescenta que no estudo foi excluída a atividade agropecuária.